

The Natural Fibers in the fighting against the rural poverty in Brazil

di Karine da Silva Araujo

A produção, o processamento e a exportação de fibras naturais e de seus produtos manufaturados são vitais para as economias de muitos países em desenvolvimento, assim como para a subsistência de milhões de pequenos agricultores/trabalhadores de baixa renda. Segundo a FAO, praticamente todas as fibras naturais são produzidas em sistemas agrícolas de subsistência, com baixo ou nenhum aparato tecnológico, e com alta demanda de trabalho humano. Entretanto, o cenário da última década tem apresentado ameaça à muitas dessas economias e meios de subsistência, devido à crise financeira global e em face do crescimento de alternativas sintéticas bem mais baratas, o que vem reduzindo a cada ano a demanda por fibras naturais. Por outro lado, são desperdiçadas as oportunidades de se fazer das fibras naturais a alternativa econômica sustentável para diversas regiões pobres do planeta, com o envolvimento de farta mão-de-obra e o aproveitamento dos inúmeros potenciais que essas matérias-primas apresentam.

No Brasil, estima-se que 500 mil pessoas dependem do trabalho com as fibras naturais, não se visualizando outro tipo de atividade local economicamente viável em curto ou médios prazos, devido às características de infraestrutura rural e mesmo do próprio ecossistema. São as regiões Norte e Nordeste que envolvem um maior número de agricultores familiares que trabalham na produção das fibras naturais, principalmente em regiões com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), e de características edafoclimáticas (condições de solo e clima) bem peculiares. A parcela de agricultores que trabalham diretamente no ciclo produtivo das fibras naturais é significativa, se compararmos com outras atividades agropecuárias que cada vez mais vem diminuindo a necessidade de mão de obra. Ainda, há de se considerar o peso socioeconômico que tais atividades representam para suas regiões (municípios e estados), e o forte peso cultural associado ao ciclo da produção, extração e processamento das fibras.

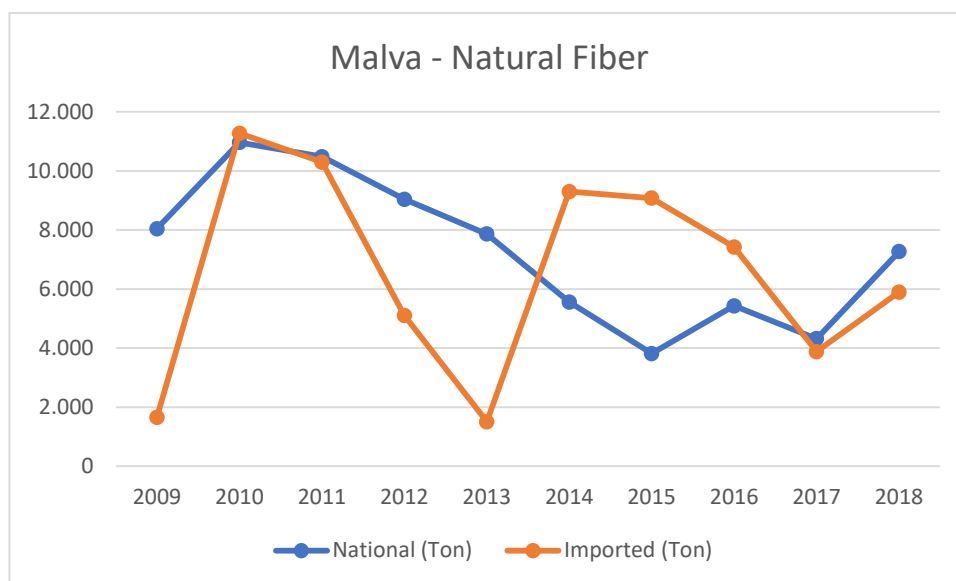
Na região nordeste do Brasil temos a produção do Sisal, uma fibra dura, obtida da planta *Agavea sisalana*, cultivada numa região de características peculiares de semiárido, cujo o clima possui uma configuração própria, o que permite ser considerado um dos climas mais complexos do mundo. Essa região apresenta precipitação média inferior a 300 mm por ano e estiagens que duram às vezes mais de dez meses. Uma outra característica do semiárido

brasileiro é a presença natural de sais minerais nos solos, precipitados em consequência dos elevados índices de evaporação da região, o que limita consideravelmente a produtividade agrícola. A adaptação do Sisal às condições do semiárido e seu aproveitamento econômico foram capazes de constituir uma cadeia produtiva de sisal para exportação, influenciando politicamente e socialmente essas regiões a ponto de diferenciar uma parte do semiárido baiano, no Estado da Bahia, o tornando um território conhecido como Região Sisaleira da Bahia.

Na região Norte, destaca-se a produção de uma fibra natural chamada Malva (*Urena lobata* L.), semelhante à Juta cultivada na Índia. Essa cultura desenvolveu-se às margens do Rio Amazonas, em regiões de várzeas, que consiste em áreas que ficam inundadas durante as cheias do rio. Apesar de serem áreas muito propícias à agricultura, devido à fertilidade do solo, poucas culturas agrícolas tem um ciclo que acompanhe o regime de cheias e vazantes do rio. A Malva é uma das únicas culturas agrícolas que está completamente adaptada aos aspectos climáticos dessa região, e que não exige nenhum tipo de insumo químico para produção da fibra vegetal, nem no plantio, nem no pré-beneficiamento da fibra cujo processo ocorre dentro da água, nas margens do rio.

Tanto o Sisal no Nordeste, como a Malva, no Norte do Brasil, são plantas excepcionais, por apresentarem grande capacidade de adaptação às características climáticas dessas regiões, e por terem inúmeros outros potenciais de aplicações industriais, que podem se constituir no motor de desenvolvimento econômico e social regional. Entretanto, essas culturas agrícolas desenvolvidas a quase um século ainda hoje carecem de atenção do poder público na adoção de medidas que fomentem ou forneçam infraestrutura básica para a produção agrícola nessas regiões mais pobres onde as fibras são produzidas. A falta de investimentos em desenvolvimento de tecnologias básicas para o plantio, colheita e beneficiamento, principalmente no tocante a máquinas beneficiadoras e equipamentos de baixo custo, faz com que o trabalho do agricultor na lavoura seja penoso, quase sempre de baixa produtividade, e muitas vezes até danoso à sua saúde e de sua família.

O reflexo desse abandono em termos de fomento das cadeias produtivas de fibras naturais e de políticas públicas orientadas ao desenvolvimento regional é sentido nos números da produção anual de fibra bruta que vem caindo vertiginosamente nos últimos 10 anos, como mostra o gráfico a seguir:



Essa queda na produção tem levado a maior indústria de transformação da fibra de malva da região a importar a fibra asiática desde 2010. Entretanto, apesar do argumento de pouca produção local, a importação da juta de forma consecutiva também reflete na produção local por afetar o preço, e contribuir para que o poder público não avance nas decisões demandadas pelo setor, principalmente pelos produtores familiares. O que se discute atualmente entre os membros da cadeia produtiva da malva é a necessidade de se fazer um estudo para confrontar a produção nacional versus a demanda nacional dessa matéria-prima, para que se tenha a visão real da necessidade de ações estratégicas visando o aumento da produção local e a reestruturação da cadeia por meio de políticas públicas de fomento à agricultura ribeirinha e de desenvolvimento tecnológico do produto e seus sub-produtos.

Apesar da enorme vocação do Brasil para o Agronegócio bastante difundidas, as estatísticas oficiais recentes revelam que, entre os anos de 2000 a 2015, 3,6 milhões de pessoas perderam seus empregos no setor primário, mais especificamente nos subsetores da pecuária e pesca (IBGE, 2018). Esses dados bem atuais reforçam ainda mais a tese da necessidade de investimentos em alternativas que sejam capazes de promover o desenvolvimento local. Nesse sentido, a atividade agrícola das fibras naturais pode sim cumprir um importante papel para o desenvolvimento local (regional), por inúmeros aspectos, sendo importante destacar alguns: i) fonte de renda garantida para pequenos agricultores, que tem um importante papel para a segurança alimentar e para o alívio da pobreza da população rural; ii) benefícios ambientais significativos por não utilizarem produtos químicos e não exigirem quantidades razoáveis de água e energia no seu processo produtivo; iii) novos usos industriais tradicionais e promissores, e importantes parcerias potenciais entre diferentes segmentos industriais como o da construção civil, automotivo, naval, entre outros.

Para tanto, é evidente a necessidade de focar nas novas formas de associação e cooperação do setor público com o setor privado, assim como da modernização tecnológica dos meios de produção, aspectos fundamentais para balizar a busca coletiva de soluções para os problemas comuns.